

MATERIAL DIGITAL DE APOIO À PRÁTICA DO PROFESSOR

Elaborado por

RAFAEL UBIRAJARA DE LIMA CAMPOS

AVENTURAS DE KITO

O reino perdido do
Mandacaru Vermelho



LIVRO DO PROFESSOR

CRÉDITOS

Título: Aventuras de Kito: o reino perdido do Mandacaru Vermelho

Autor: Marcos Nascimento

Ilustrador: Wander Lara

Edição: 2ª/ 2022

Editora: MRN Editora Ltda.

Gênero literário: Novela

Temas: Diálogos com a história e com a filosofia
encontros com a diferença, sociedade, política e cidadania

Categoria: 02 (8º e 9º anos do Ensino Fundamental)

Coordenação editorial: Marcos Roberto do Nascimento

Revisão: Luiz Gustavo Leitão Vieira

Projeto Gráfico e Diagramação: Elen Carvalho

Elaborado por Rafael Ubirajara de Lima Campos

Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC - MG

Mestre em Estudos Literários pela UFMG.

Graduado em Letras pela PUC - MG.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE	4
1.1 Carta para o(a) professor(a)	4
SEGUNDA PARTE	5
2.1 O autor	5
2.2 O ilustrador	5
TERCEIRA PARTE	6
3.1 Natureza artística da obra.....	6
3.1.1 Encontros com a diferença: a formação do cidadão no século xxi.....	7
3.1.2 Diálogos com a história e com a filosofia.....	8
3.2 Aspectos culturais, sociais, temporais e geográficos.....	9
3.3 Contexto de recepção da obra	9
3.4 Proposta de atividades	10
3.5 Atividades pré-leitura	12
3.6 Atividades pós-leitura	12
3.6.1 O cacto	14
3.7 Atividades de abordagem multidisciplinar	16
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18

PRIMEIRA PARTE

1.1 CARTA PARA O(A) PROFESSOR(A)

Caros professores e professoras,

Este material tem o objetivo de auxiliá-los no trabalho com o livro *Aventuras de Kito: o reino perdido do Mandacaru Vermelho*. Aqui, você encontrará comentários sobre o livro, informações sobre seu autor e seu ilustrador, além de sugestões de atividades a serem realizadas com os alunos.

As atividades que propomos podem ser aproveitadas de duas formas distintas: ou executadas junto aos alunos, ou utilizadas pelos professores para uma melhor compreensão da obra, atuando, assim, como ferramentas de enriquecimento da própria atividade docente. Não nos esqueçamos de que fazer perguntas sobre as obras que lemos é uma forma madura e produtiva de promover seus significados. Além disso, as atividades têm como fundamento aquilo que se prescreve na Base Nacional Comum Curricular.

O livro *Aventuras de Kito: O reino perdido do Mandacaru Vermelho* é uma obra que permite múltiplas abordagens de leitura, que vão do propriamente literário, estendendo-se até o histórico e o sociológico. Por meio das aventuras de seus personagens, o leitor é convidado a participar de discussões complexas, que habitam a realidade e o imaginário dos brasileiros há séculos, tais como o cangaço e a escravidão.

Como se trata de uma leitura voltada a um leitor bastante jovem, é necessário não perdermos de vista a capacidade que a literatura tem de ressignificar a vida daquele que a lê. Lembremo-nos, com Tzevetan Todorov (2009), que é mais importante a experiência da própria leitura do que a transformação desta em uma espécie de matéria para uma avaliação. Este material pretende auxiliar professores e professoras a fazerem com que a obra de fato signifique algo para o seu leitor.

Em consonância com o pensamento de Todorov, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p. 139) propõe que

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura.

Assim, é fundamental que tomemos o livro como um objeto que civiliza, humaniza e promove o ser humano.

Então, mãos à obra!



Marcos Nascimento

SEGUNDA PARTE

2.1 O AUTOR

Marcos Nascimento é escritor, professor e pesquisador. Como escritor, sua atividade de ficcionista gira ao redor de problemas atinentes às relações dos seres humanos entre si e com a natureza, privilegiando certo matiz mágico no enredo de suas obras. Deste modo, ele harmoniza a realidade com a ficção, fazendo desta o veículo de importantes utopias. Como professor e pesquisador, ele se dedica ao estudo das relações humanas em seus diversos aspectos, passando pela tecnologia, pela saúde e pela própria educação. Toda esta formação e esta experiência culminam em um estilo que comunga lirismo, ludismo e engajamento, formando par com uma tradição literária de viés engajado e poético.



2.2 O ILUSTRADOR

Wander Lara, nascido em Belo Horizonte no ano de 1954, é formado em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes Guignard (UEMG), e dedica-se a trabalhos bastante diversos no campo das artes, como pintura, escultura, desenho, grafite e ilustrações. Ele brinca com as cores desde os cinco anos de idade. Na década de 1970, fez vários outros cursos de desenho e pintura. Participou de vários salões, bienais e, entre as premiações que recebeu, destaca-se a do I Prêmio do Centenário de Belo Horizonte com a obra “Belo Horizonte no tempo e no espaço”, óleo sobre tela. Sua relação com a imaginação literária é profunda e criativa, o que faz com que seu espaço de trabalho, seu ateliê, seja um ambiente de encontro entre a imagem e a palavra.



TERCEIRA PARTE

3.1 NATUREZA ARTÍSTICA DA OBRA

GÊNERO

Aventuras de Kito: o reino perdido do Mandacaru Vermelho é uma novela. Isso quer dizer que se trata de uma obra de natureza aberta, bastante diferente de um conto, por exemplo. Neste sentido, para que melhor se entenda esse gênero, nascido muitos séculos antes das telenovelas, podemos compará-lo com um outro gênero muito importante desde o advento da modernidade: o romance. As novelas, diferentemente dos romances, permitem a justaposição de novas histórias, o acréscimo de novos capítulos. Se o romance é estruturado por um conflito fechado, que, após finalizado, acaba determinando o ponto final da história, as novelas permitem o desenvolvimento de inúmeros conflitos. Como se pode notar pelo título, as novelas podem se constituir como episódios de uma obra maior, mas cada uma tendo sua totalidade: seu início, meio e fim. Neste caso, *Aventuras de Kito* seria uma novela pertencente ao “reino perdido do Mandacaru Vermelho”. O que lemos, portanto, é uma das aventuras do personagem Kito. Nada impede que seu autor escreva outras aventuras para o mesmo personagem ou, quem sabe, para Teka e Cadu.

O livro, ademais, é prova da consolidação da tradição literária infantojuvenil brasileira, aquela nascida com a invenção do *Sítio do Pica-pau amarelo*, de Monteiro Lobato. Afinal, também em *Aventuras de Kito: o reino perdido do Mandacaru Vermelho*, o local se liga ao universal, o interior ao centro, por meio da relação entre personagens que metonimizam essas convergências. Assim, haverá o encontro entre os inseparáveis Kito, Cadu e Teka (representantes da cidade) com Bentinho, um rapazinho bastante esperto, morador do sertão, cujo avô conhece tudo a respeito dos cangaceiros e sua história.

A obra sinaliza para a forma como a infância e a adolescência, ainda imbuídas de idealismo e tendentes às utopias, são capazes de ressignificar o

mundo herdado. Se os homens disputam a terra porque querem modificá-la e transformá-la em lucro, os jovens a defendem porque a querem proteger, mantendo-a sempre igual, isto é, sempre capaz de acolher a semente e a água, que são os dois fundamentos da vida.

Por fim, este livro funciona como veículo de debates sobre discussões sociais e humanas bastante urgentes. Ressalte-se, como forma de ilustração, os problemas atinentes à ecologia, ao racismo e ao utilitarismo. Questões estas que recebem um tratamento ficcional que permite inúmeras comparações com a própria realidade que hoje e ontem vivemos.

Realizar essas discussões com a turma, não se furtando ao debate que a obra encerra, é um modo bastante produtivo de lê-la. Nesse caso, inclusive, o debate tem a obra como ponto de ancoragem, já que no destino dos protagonistas estão ficcionalmente resolvidos problemas que a realidade nos faz sofrer diariamente.

Além disso, a novela *Aventuras de Kito: o reino perdido do Mandacaru Vermelho* também alude a uma tradição literária brasileira iniciada ainda no século XIX, de natureza romântica: a história de aventuras. Isso quer dizer que o motor dessa obra são a fantasia e a ficção, ainda que estas apontem para realidades objetivamente dadas. Assim, apesar de o livro fazer referência ao Sebastianismo, ao cangaço e à escravidão, todo o enredo é alinhavado por certo aspecto mágico, pela existência do Reino do Mandacaru Vermelho, um oásis em pleno sertão.

O encontro entre o ancestral e o moderno, entre o saber da cultura popular e o racionalismo agrário industrial, é das principais riquezas do livro. De um lado, há personagens como a avó Lalá e o seu Sebastião – ambos portadores de saberes ancestrais vinculados à terra –, e seu Antônio Tereza e sua filha Bárbara, que só conseguem ver a terra como posse e negócio. Tal conflito será mediado pelos personagens Kito, Teka, Bentinho e Cadu, que rejeitam a visão de Antônio Tereza e sua filha; afinal, trata-se de um ponto de vista que nada tem

a ver com o desejo de futuro, de alegria e de mudança que caracteriza as juventudes.

Enfatize-se, também, a herança regionalista e romântica do livro. Seu autor fez importante trabalho de pesquisa ao escrever sua ficção, que se esmera no uso de vocábulos típicos dos sertane-

jos e do bioma da Caatinga, expressando, na superfície gramatical do texto, a própria identidade da história narrada. Em um mundo tão conectado, de consumo imediato de realidades quase todas atinentes ao urbano, é fundamental que os alunos conheçam outras realidades, que, apesar de estarem a seu lado, tornam-se quase invisíveis.

3.1.1 ENCONTROS COM A DIFERENÇA: A FORMAÇÃO DO CIDADÃO NO SÉCULO XXI

São muitos os temas que o livro *As Aventuras de Kito: o reino perdido do Mandacaru Vermelho* aborda, mas, sem dúvida alguma, a questão socioambiental é um dos mais interessantes e atuais, e é por meio dela que a obra de Marcos Nascimento faz a junção da alteridade com a cidadania. Afinal, quem de nós, no século XXI, poderia se dizer em paz com relação ao modo como a sociedade tem se relacionado com o planeta que é condição de sua existência?

Marcos Nascimento une o urbano e o rural para demonstrar que a riqueza do encontro entre diferenças é que será responsável por salvar o homem dele mesmo. Assim, o redemoinho que faz com que jovens tão distantes entre si (uns da cidade, outro do sertão) se encontrem, acaba levando-os a superar estranhezas em prol do bem comum, que, nesse caso, é a manutenção da própria natureza e, com ela, das possibilidades de continuarmos a viver na Terra. Assim, parte-se da perspectiva de que é na diferença que está a saída para muitos dos problemas que ora se enfrentam.

Apesar de Marcos Nascimento focalizar o bioma da caatinga, o leitor está autorizado a ler aquilo que a obra deixa como sugestão: o ser humano é um dos mais importantes agentes de conservação ou destruição dos bens naturais. Assim, os jovens retratados no livro são a expressão de um sonho, de acordo com o qual as novas gerações seriam as mais aptas a reconhecer e, quem sabe, solucionar uma questão criada pelo mundo dos adultos; ao passo que os personagens Zé Goela e seu Antônio Tereza representam as forças destrutivas do capital, preocupados apenas com a circulação do próprio dinheiro.

De um lado, há os personagens que querem fazer a manutenção da diferença, reconhecendo

que riqueza é sinônimo de diversidade; do outro, aqueles que querem transformar tudo numa imensa monocultura, numa repetição mortal de uma só forma de vida.

Ou seja, uma das questões cruciais da narrativa diz respeito à cidadania. Afinal, não se pode esperar que o século XXI forme cidadãos inconscientes dos danos que os humanos, até aqui, têm causado ao planeta e a si mesmos. Se, na obra, vem da juventude o desejo de mudança, isso é condizente com o que estamos assistindo na contemporaneidade. Afinal, vem de uma jovem, que à época tinha apenas 16 anos, a seguinte fala: “Eu não deveria estar aqui. Eu deveria estar na minha escola, do outro lado do oceano. E vocês vêm até nós, jovens, para pedir esperança. Como vocês ousam? Vocês roubaram meus sonhos e minha infância com suas palavras vazias. E, ainda assim, eu tenho que dizer que sou uma das pessoas com mais sorte [nesta situação]. As pessoas estão sofrendo e estão morrendo. Os nossos ecossistemas estão morrendo”.



Fonte: <https://news.un.org/pt/story/2019/12/1697531>

Greta Thunberg, ao discursar na Assembleia da ONU, no Encontro da Cúpula sobre Ação Climática, em 2019, esclarece que a questão socioambiental é um problema que será enfrentado pelos mais jovens. O que interessa, nesse caso, é o grau de consciência e a capacidade de ação que se terá quando do enfrentamento. E isso, claro, faz parte

da formação do cidadão, que deverá estar apto a vocalizar sua percepção do mundo no âmbito da política propriamente dita.

Os personagens Kito, Teka, Cadu e Bentinho não seriam, portanto, a expressão ficcional de Greta? São jovens cidadãos em ação: são os partidários da vida e da comunidade humana.

3.1.2 DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA E COM A FILOSOFIA

Em *Aventuras de Kito: o reino perdido do Mandacaru Vermelho*, ao menos três aspectos da História confluem para melhor estruturarem a narrativa: o cangaço, a escravidão e o Sebastianismo. Isso quer dizer que a obra se dá como ficção a partir da figuração e transfiguração destes três vetores nascidos da realidade propriamente dita.

Há mesmo o avô materno de Bentinho, cujo nome já indica a importância da História no tecido da novela: Tião do Cangaço. É ele, aliás, o portador do segredo, do que parecia apenas uma lenda, segundo a qual existiria um reino encantado, um oásis na Caatinga, ou seja, “o reino perdido do Mandacaru Vermelho”. Ele sempre começava as suas histórias profetizando: “Plantar uma semente nesse chão seco é como semear ideias na cabeça de uma criança. Plan-

tamos é esperança, pra colher um mundo novo”. Note-se, portanto, que a semente que ele plantou, a lenda que contara, germinou com o auxílio de crianças e adolescentes.

Além disso, a existência dos personagens Zumba e Sebastian só se explica com o auxílio da História propriamente dita. Um deles, Zumba, metonimiza a surpreendente força dos escravizados que, mesmo oprimidos e violentados, alcançam se libertar de seus alçózes por meio da estratégia e da força que carregam em seu sangue. O outro, Sebastian, é a representação do europeu aclimatado, que se encantou com o modo de vida dos sertanejos e passou a defendê-los da violência dos latifundiários e donos do poder. É claro que o nome do personagem, assim como consta da própria narrativa, é uma derivação de D. Sebastian e do Sebastianismo, fazendo com que esse personagem seja o continuador de uma lenda. Note-se, mais uma vez, que é a confluência, o encontro entre as diferenças, entre Zumba, o escravizado, e Sebastian, o europeu, que causa na narrativa a libertação dos escravos.

Do ponto de vista da filosofia, a narrativa põe em questão um ponto nodal e de ruptura: a oposição entre a alteridade e a identidade. A obra faz da confluência das diferenças o caminho da manutenção das condições sustentáveis de vida no planeta. Salta aos olhos, portanto, que ocorra uma recusa do eurocentrismo, do ponto de vista único, da identidade. Quer dizer, a própria identidade só será formada caso se admita que o “eu” só se configura a partir do “outro”, ou seja, a partir da alteridade: é o rural que se encontra com o urbano, é o sertanejo que acolhe o europeu. Assim, no desfecho da narrativa, o saldo que fica é o

Marcos Nascimento



seguinte: apenas se salva “o reino perdido do Mandacaru Vermelho” porque duas realidades

inscritas sob o signo da diferença são unidas no tempo e no espaço por um redemoinho mágico.

3.2 ASPECTOS CULTURAIS, SOCIAIS, TEMPORAIS E GEOGRÁFICOS

É fundamental, professor, ao lermos uma obra de ficção, que sejamos capazes de reconhecer aspectos da realidade que ela reelabora ou transfigura. Ou seja, ainda que uma narrativa tenha por natureza seu direito à ficção, isso não quer dizer que o texto que a estrutura seja completamente arbitrário. Ele, ao contrário, aponta para referentes extratextuais mais ou menos identificáveis.

O crítico literário e professor Antonio Candido (1999, p. 75) afirma que a literatura opera com um dispositivo chamado por ele de “redução estrutural”, que seria a forma com que a literatura expressa uma dada realidade sócio-histórica. O texto pode até ser fictício, mas ele também o é na medida em que reconstrói e reformula a realidade da qual faz parte. E como se trata de um livro, de obra motivada e organizada, com início, meio e fim, ele acaba nos dando a possibilidade de lê-lo como uma redução inteligível de uma realidade caótica, desorganizada e tão grande que não se deixa entender facilmente.

No caso da obra *O reino perdido do Mandacaru Vermelho*, a partir de seu título, o leitor já está convidado a adentrar em dois universos distintos que se complementam: o da magia e do misticismo, circunscritos no substantivo “reino”, e o da caatinga e do sertão, subscritos pelo substantivo “mandacaru”.

É a junção desses dois espaços, o mágico e o histórico, que serve de palco para as aventuras de Kito e seus amigos. Nesse sentido, o livro tam-

bém une temporalidades aparentemente desconexas, demonstrando como algumas questões de uma realidade remota, mas que estão enraizadas, explicam um fato do presente. Assim ocorre, por exemplo, com o aparecimento de personagens do tempo do Brasil escravagista – Sebastian e Zumba – em meio a um conflito do século XXI. Quer dizer, é a existência do regime escravocrata, latifundiário e explorador que ajuda a entender a relação vertical e hierarquizada entre os donos da fazenda e seu Sebastião. Marcos Nascimento, ao criar um espaço mágico, faz com que temporalidades espaçadas se tornem convergentes e se enfrentem.

Tem-se, na obra, ainda, a junção de duas culturas bem demarcadas: a urbana e a rural. O encontro entre Bentinho, típico representante dos sertanejos, com Teka, Kito e Cadu, sintetiza o enlace entre tais espaços e culturas. O ponto de vista utópico da obra é visível, inclusive, pelo fato de que tal encontro se dá como convergência para o bem, para a salvação de uma região mágica. As diferenças, nesse sentido, significam unidade e construção; não dualidade e destruição.

O personagem Cadu, com seu moderno smartphone, grava as histórias da avó, que pertencem ao imaginário popular, à linguagem oral. Percebe-se, pois, que a obra ressalta a unificação das diferenças, alinhavadas pela capacidade que a juventude tem de, ao fazer-se e transformar-se, usar como matéria plástica a tradição herdada.

3.3 CONTEXTO DE RECEPÇÃO DA OBRA

De acordo com o semiólogo italiano Umberto Eco (1994), toda obra supõe um leitor. E esse leitor está inscrito na própria estratégia textual do livro. Isso quer dizer que o léxico utilizado, as intertextualidades presentes, bem como as alusões his-

tóricas, exigem um determinado leitor para lê-las e compreendê-las. No caso da obra de Marcos Nascimento, é bastante claro que o seu leitor suposto é o adolescente, o jovem curioso que está participando do processo de escolarização.

O tema do cangaço, por exemplo, é estudado no 9º ano do Ensino Fundamental, sendo que esse estudo habilita o aluno a melhor compreender a obra. Mais ainda, a temática ambiental, que é central nessa ficção, participa transdisciplinar e cotidianamente das preocupações escolares, o que também contribui para que o aluno, nos anos finais do Ensino Fundamental, possa ser uma espécie de “leitor-modelo” da obra em questão.

No caso do leitor que é professor, a obra também o supõe, já que o livro possui estratégias que só

serão reconhecidas pelo aluno caso o professor o auxilie. É o caso, como comentamos, da relação da obra com o *Sítio do Pica-pau amarelo*, de Monteiro Lobato. Não se espera, ainda que isso possa ocorrer, que todos alunos estabeleçam tais relações. Será preciso, assim, que um leitor formado e experimentado aponte a senda pela qual os alunos deverão seguir. Se, como quer Umberto Eco (1994, p. 9), todo texto é “uma máquina preguiçosa” que espera o trabalho do leitor para melhor funcionar, em muitos casos o professor será uma importante engrenagem para esse motor.

3.4 PROPOSTA DE ATIVIDADES

As atividades propostas neste manual seguem as diretrizes da BNCC, envolvendo particularmente as seguintes habilidades descritas pela Base Nacional Comum Curricular:

BNCC: PRÁTICAS DE LINGUAGEM, OBJETOS DO CONHECIMENTO E HABILIDADES DESENVOLVIDAS NA ATIVIDADE.

Códigos e Habilidades

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, trailer honesto, vídeos-minuto, vidding, dentre outros.

Códigos e Habilidades

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Marcos Nascimento



3.5 ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA

- Esta edição de *O reino perdido do Mandacaru Vermelho* é de natureza intersemiótica, conjugando linguagem verbal e não verbal na construção da significação plena da obra. É importante, portanto, analisar e compreender como se relacionam ilustrações e texto. Pergunte a seus alunos se eles conhecem a planta que está representada na capa do livro. E, caso a conheçam, eles a vinculam a algum clima ou região? Eles a associam a algo em seu imaginário? Afinal, é muito comum a associação dos cactos à seca e aos climas desérticos. Isso está exposto em filmes, novelas e desenhos animados. É provável que alguns alunos façam tal relação intuitivamente.
- Após esclarecer aos alunos de que se trata de um mandacaru, e que esta planta é típica da caatinga, peça para que eles apontem algum elemento presente na capa do livro que também evoque esse bioma. A intenção é a de que eles notem a representação do solo rachado e seco que também figura na capa da obra.
- Elabore perguntas sobre o tipo humano que ali se representa. Trata-se de alguém que parece comum ou extraordinário? A silhueta representada aponta para que tipo de personagem? Espera-se, nesse caso, que eles reconheçam a semelhança da imagem do cavaleiro com a de reis (afinal, há uma coroa) e heróis (note-se a capa utilizada pelo personagem e seu porte atlético).
- Por fim, peça aos alunos que apontem a palavra que constitui o título da obra que melhor forma par com a imagem do cavaleiro. É de se esperar que eles reconheçam a relação entre o signo “reino” e o tipo de personagem ali representado.
- Ao longo de toda a novela, há ilustrações. Após a leitura da obra, o professor pode realizar atividades lúdicas que relacionem imagens e texto. Basta que se escolham algumas das ilustrações e que se pergunte à turma a qual momento da narrativa ela faz referência. Assim, a leitura da obra torna-se não só conjunta como também algo divertida, torna-se, enfim, uma espécie de jogo.

3.6 ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA

- Escolha trechos da novela para serem lidos com os alunos em sala. Nessa escolha, é fundamental levar em conta a importância do trecho na economia da obra e, também, a capacidade que o trecho tem de chamar a atenção do aluno. Sugerimos, a título de exemplo, a leitura de trechos do capítulo III, pois nesse capítulo fica bastante claro que os personagens Cadu, Kito e Teka estão vivenciando o momento de ruptura da infância, numa zona fronteira entre a infância e a adolescência, entre o livro e a brincadeira.
- Após a leitura desse capítulo, pergunte aos alunos o que eles acham que é um cangaço e se têm algum exemplo para fornecer. Caso a sala não possua recursos tecnológicos adequados, leve fotografias ou ilustrações de personagens que tipificam o cangaço. Lembre os alunos dos famosos nomes de Lampião e Maria Bonita, do episódio histórico do massacre de Canudos.
- Após essa preparação, pode-se trabalhar com uma das inquietações mais fundamentais do texto literário: o que separa a literatura da história, a ficção da documentação? É fundamental, nesse caso, deixar que os alunos falem e, aos poucos, conduzi-los para caminhos mais afinados com o estatuto da ficção. Lembrá-los de que, para o filósofo Aristóteles, a literatura lida com o verossímil, enquanto a história lida com o fato. No livro *O reino perdido do Mandacaru Vermelho*, seu autor utiliza alguns fatos para realizar a sua ficção.

- Durante o trabalho de leitura da obra, propomos algumas perguntas que podem auxiliar na compreensão da trama e de suas significações. Não nos esqueçamos de que fazer perguntas certas é um excelente caminho de promoção dos significados de um livro:

– Como Cadu, Kito e Teka conheceram Bentinho? O que vincula esses personagens? (Aqui, espera-se que os alunos se lembrem do aspecto mágico da obra, aspecto esse, inclusive, que remonta ao personagem folclórico Saci, que se transporta por meio de redemoinhos. Os personagens, afinal, se encontraram a partir de um evento extraordinário, de um redemoinho que os transportou. O vínculo entre eles surge quase de imediato, por meio do interesse que todos têm em viver uma aventura e realizar o bem.)

– É possível reconhecer na história um núcleo de personagens que representam a bondade, outro a maldade. Nomeie esses personagens, separando-os de acordo com esses grupos. (Espera-se que os alunos reconheçam facilmente esses pares opostos, colocando de um lado as crianças aventureiras, bem como seus avós e, de outro, os latifundiários e o personagem Zé Goela.)

– Qual é a imagem de sertanejo e de cangaceiro proposta no livro? (O aluno provavelmente reconhecerá que o sertanejo é visto como aquele que

melhor entende a caatinga, vivendo com ela e para ela, e não a destruindo para ganhar dinheiro.)

– Como o grupo ligado aos fazendeiros lida com a natureza? (Diferentemente dos sertanejos, o aluno reconhecerá que esse é o grupo que vê a terra como oportunidade de negócio e se julga no direito de destruí-la para alcançar seus objetivos.)

– Há, no livro, o apelo a elementos mágicos, extraídos das fábulas e contos de fadas. Peça exemplos de quais seriam esses elementos. (Aqui, é esperado que os alunos remontem ao próprio título da narrativa, ao reino mágico encontrado e salvo pelas crianças, aos personagens mágicos que surgiram, Zumba e Sebastian, aos animais falantes que lhes serviram de guia etc.)

– O que representa a união entre os personagens Zumba e Sebastian? (Essa questão pode demandar maior tempo de discussão, o entrelaçamento com saberes próprios do campo das Humanidades. Os alunos deverão notar que, na união entre os personagens, está também a união de diferenças étnicas, culturais e espaciais.)

– Como é explorada a questão do trabalho no livro? (Com essa pergunta, o professor poderá conduzir os alunos a perceberem diferentes graduações no que concerne ao tratamento do tema, que passa pela escravidão propriamente dita, pelo trabalho análogo à escravidão e, claro, pelo trabalho propriamente dito.)



O CACTO

Aquele cacto lembrava os gestos desesperados da estatuária: Laocoonte estrangido pelas serpentes,

Ugolino e os filhos esfaimados.

Evocava também o seco nordeste, carnaubais, caatingas...

Era enorme, mesmo para esta terra de feracidades excepcionais.

Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz.

O cacto tombou atravessado na rua,

Quebrou os beirais do casario fronteiro,

Impediu o trânsito de bonde, automóveis, carroças,

Arrebentou os cabos elétricos e durante vinte e quatro horas privou a cidade de iluminação e energia:

– Era belo, áspero, intratável.

[Manuel Bandeira, in: *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 205.]



Marcos Nascimento

- Peça aos alunos que elaborem uma comparação entre o poema de Manuel

Bandeira e a obra *O reino perdido do Mandacaru Vermelho*. Tal comparação será bastante rica, pois, para que se alcance algum sucesso, será necessário pesquisar os mitos de Laocoonte e de Ugolino. Os alunos, assim, serão convidados a um passeio pela mitologia e pela literatura greco-latina clássicas. Tudo isso para dar entendimento a duas obras que focalizam a caatinga no Brasil.

- O que se espera com essa comparação? Que eles entendam o processo de compreensão como algo complexo e profundo, que notem haver mais diferenças do que semelhanças nesse caso. Aliás, que as comparações também se dão pela diferença. Assim, no poema, tem-se claramente a opção pela ambientação urbana e a morte do enorme cacto. No entanto, pelas comparações com Ugolino e Laocoonte, há algo de semelhante com o livro. Quer dizer,

assim como na novela *O reino perdido do Mandacaru Vermelho*, existe algo de mítico no cacto, ele é heroicizado. Na novela, o mandacaru é uma espécie de amuleto, de salvaguarda de um reino encantado e pleno de fertilidade; no poema, a morte do cacto foi capaz de interromper a vida de uma cidade por 24 horas. Trata-se, nos dois casos, de algo que foge ao comum, de algo extraordinário.

- Peça aos alunos uma breve pesquisa sobre o Sebastianismo. Com a pesquisa feita, pergunte a eles como essa história recebeu tratamento na obra? O escritor optou por reproduzi-la ou por ficcionalizá-la? Ele teria feito as duas coisas? Aqui, esperamos que o aluno compreenda o aproveitamento de uma história folclórica, nascida de um mito português, na própria fatura da novela. Afinal, em seu desfecho, surge um personagem heroico, cujo nome é Sebastian, que será o definitivo protetor do mandacaru vermelho, que estava

prestes a ser morto pelo vilão Zé Goela. Aten-te-se, novamente, para a capa do livro, para a sugestão de que é Sebastian quem ali está ilustrado.

- Sugira aos alunos uma comparação entre *O sítio do Pica-pau amarelo* e a obra *O reino perdido do Mandacaru Vermelho*. Caso eles não conheçam a obra de Monteiro Lobato, e se a escola possuir recursos audiovisuais, escolha um episódio e transmita para os alunos. Com a comparação, eles perceberão que o princípio de aventura que dá início à trama é

o mesmo de muitas das histórias de Monteiro Lobato: uma aventura que começa em um sítio e segue rumo a algum lugar encantado.

- Escute com a turma a canção “Sobradinho”, de Sá e Guarabyra, e proponha que os alunos realizem um debate - pode ser também uma roda de conversa - sobre o modo como estão expostos e como são tratados os problemas de ordem econômica e social no livro e na letra da canção. Segue o link da música: <https://www.youtube.com/watch?v=naxgLThFCsc>



Marcos Nascimento

3.7 ATIVIDADES DE ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR



Fonte: <https://cdn.culturagenial.com/imagens/retirantes-masp-cke.jpg>

Pode-se utilizar a tela acima, de Cândido Portinari, para propor uma atividade de confluência intersemiótica, fazendo com que habilidades e competências atinentes às áreas de Artes, História e Geografia promovam uma leitura ainda mais qualificada da obra. Segue o link: <https://www.culturagenial.com/quadro-retirantes-de-candido-portinari/>

- A partir dessa tela, pode-se criar um debate entre os distintos pontos de vista existentes sobre os sertanejos. Além disso, a observação da tela permite compreender

algo de muito sofisticado do mundo das artes: muitas vezes o realismo (ou mesmo a denúncia social) são feitos a partir da recusa da imitação. Percebe-se, na tela modernista, que seu pintor não tem a menor intenção de praticar o mero retratismo. Ele, inclusive, acolhe influências vanguardistas em seu estilo. Além disso, pode-se propor a identificação, com base na tela e no livro, de paisagens típicas da América Latina, como descreve a seguinte habilidade de Geografia segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Códigos e Habilidades

(EF08GE23) Identificar paisagens da América Latina e associá-las, por meio da cartografia, aos diferentes povos da região, com base em aspectos da geomorfologia, da biogeografia e da climatologia.

- A partir da canção “O xote das meninas”, de Luiz Gonzaga, proponha um debate com os alunos a respeito das diferenças e das semelhanças entre o livro e o xote. Leve-os a perceber que o Mandacaru é símbolo de fertilidade em ambos os casos, mas que, na canção, enfatiza-se o surgimento do amor e do desejo nos seres humanos, ou seja, a ruptura com a infância. Segue o link: <https://www.youtube.com/watch?v=Y16Fy-fb9Ms>
- Propõe-se ler com os alunos o primeiro capítulo da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Com essa atividade, o aluno entrará em contato com uma descrição realista e sóbria do que seria uma paisagem desertificada, ou seja, o oposto do que está descrito na obra *As Aventuras de Kito: o reino perdido do Mandacaru Vermelho*. Além disso, comparações sobre o estilo dos dois autores, Graciliano e Marcos Nascimento, são bastante úteis para entender de forma mais vertical a literatura como arte, a língua como a matéria plástica dos escritores.



Marcos Nascimento

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 1999.
- ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. Tradução de Caio Meira.
- THUNBERG, Greta. Veja na íntegra o discurso de Greta Thunberg nas Nações Unidas. News.un.org. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2019/09/1688042>. Acesso em 30 Jun 2022.